# A Galinha Degolada

Horacio Quiroga

# A Galinha Degolada

## Horacio Quiroga

*Tradução*
**Claudia Sobral**

*Revisão*
**João Ricardo Carneiro**

Rio de Janeiro, 2019

A Galinha Degolada, Horacio Quiroga, 2019
Este livro foi editado tendo como fonte o eBook *Cuentos de Amor de Locura y de Muerte* distribuído pelo Domínio Público (www.dominiopublico.gov.br) em parceria com o Project Gutenberg (www.gutenberg.net), produzido a partir da obra original do autor Horacio Quiroga, publicado originalmente em 1917. O Fazimento Estúdio se responsabiliza pela tradução e editoração da obra, sendo o uso e distribuição do texto da obra livres.

**Projeto gráfico: Fazimento Estúdio**
**21 99091 7840**
**www.fazimento.com**
**contato@fazimento.com**

*A morte foi sempre uma presença marcante na vida de Horacio Quiroga.*

foto: aimdigital.com.ar

Nascido na cidade de Salto, no Uruguai, em 1978, Quiroga teve uma vida intelectual rica, que marcou a literatura latino-americana para sempre. Sob forte influência da obra de Edgar Allan Poe, das selvas argentinas e de uma vida conturbada (que viria a culminar em seu suicídio), os contos do uruguaio têm laços profundos com as trevas da natureza humana e sua finitude, brilhantemente pontuadas em *"Cuentos de amor, de locura y de muerte"*, uma coletânea lançada em 1917, na qual desponta "A Galinha Degolada", que selecionamos diante da admiração que compartilhamos pelo autor.

vermelho!

vermelho!

vermelho!

vermelho!

# A Galinha Degolada

***Horacio Quiroga***

**T**ODO dia, sentados no pátio em um banco, estavam os quatro filhos idiotas do matrimônio Mazzini-Ferraz. Tinham a língua entre os lábios, os olhos estúpidos e viravam a cabeça com a boca aberta.

O pátio era de terra, fechado ao oeste por uma cerca de ladrilhos. O banco ficava paralelo a ele, a cinco metros, e ali se mantinham imóveis, olhos fixos nos ladrilhos. Quando o sol se escondia atrás da cerca, ao se abaixar os idiotas faziam a festa. A luz cegante chamava a atenção deles a princípio, pouco a pouco seus olhos se animavam, no fim, riam-se estrepitosamente, congestionados pela mesma hilaridade ansiosa, olhando o sol com alegria bestial, como se fosse comida.

Outras vezes, alinhados no banco, zumbiam durante horas, imitando o bonde elétrico. Os ruídos fortes sacudiam assim mesmo sua inércia, e então corriam, mordendo a língua e mugindo ao redor do pátio. Porém, quase sempre estavam apagados em uma letargia sombria de idiotismo, e passavam o dia todo sentados em seu banco, com as pernas penduradas e quietas, empapando as calças de saliva pegajosa.

O maior tinha doze anos e o menor, nove. Em todo o seu aspecto sujo e desvalido notava-se a absoluta falta de um pouco de cuidado maternal.

Esses quatro idiotas, entretanto, haviam sido um dia o

encanto de seus pais. Aos três meses de casados, Mazzini e Berta orientaram seu estreito amor de marido e mulher e mulher e marido a um futuro muito mais vital: um filho – Qual a maior felicidade para dois apaixonados que essa honrada consagração de seu carinho, já liberto do vil egoísmo de um amor mútuo sem fim nenhum e, o que é pior para o próprio amor, sem esperanças possíveis de renovação?

Assim o sentiram Mazzini e Berta e, quando o filho chegou aos quatorze meses de matrimônio, acreditaram estar cumprida sua felicidade. A criatura cresceu, bela e radiante, até que fez um ano e meio. Porém, no vigésimo mês, sacudiram-lhe, em uma noite, terríveis convulsões, e na manhã seguinte não conhecia mais a seus pais. O médico o examinou com essa atenção profissional que está visivelmente buscando a causa do mal nas enfermidades dos pais.

Depois de alguns dias, os membros paralisados recobraram o instinto; porém, a inteligência, a alma e ainda o instinto se haviam ido inteiramente; havia ficado profundamente idiota, babão, vacilante, morto para sempre sobre os joelhos de sua mãe.

– Filho, meu filho querido! – soluçava esta sobre aquela espantosa ruína de seu primogênito.

O pai, desolado, acompanhou o médico para fora.

– Ao senhor se pode dizer; creio que é um caso perdido. Poderá melhorar, aprender tudo que seu idiotismo permita, mas não mais além.

– Sim!... sim!... – assentia Mazzini. – Mas diga-me: o senhor crê que é herança, que...?

– Quanto à herança paterna, já lhe disse o que achava quando vi seu filho. Em relação à mãe, há ali um pulmão que não sopra bem. Não vejo nada mais, mas há um sopro um pouco rude. Há que se examiná-la bem.

Com a alma destroçada de remorso, Mazzini redobrou seu amor a seu filho, o pequeno idiota que pagava os excessos do avô. Teve assim mesmo que consolar, apoiar sem trégua à Berta, ferida no que há de mais profundo por aquele fracasso de sua jovem maternidade.

Como é natural, o matrimônio colocou todo seu amor na esperança de outro filho. Nasceu este, e sua saúde e claridade do riso reacenderam o futuro extinguido. Porém, aos dezoito meses as convulsões do primogênito se repetiam, e no dia seguinte amanhecia idiota.

Desta vez os pais caíram em profundo desespero. Logo seu sangue, seu amor estava maldito! Seu amor, sobretudo! Vinte e oito anos ele, vinte e dois ela, e toda sua apaixonada ternura não conseguia criar um átomo de vida normal. Já não pediam mais beleza e inteligência como no primogênito; mas um filho, um filho como todos!

Do novo desastre brotaram novas explosões de dolorido amor, um louco anseio por redimir de uma vez para sempre a santidade de sua ternura. Resultaram em gêmeos, e ponto por ponto repetiu-se o processo dos maiores.

Mas, por cima de sua imensa amargura, restava a Mazzini e a Berta grande compaixão por seus quatro filhos. Teve-se de arrancar do limbo da mais profunda animalidade, já não de suas almas, senão o próprio instinto abolido. Não sabiam deglutir, mudar de lugar, nem sequer sentar-se. Aprenderam en-

fim a caminhar, porém chocavam-se contra tudo por não se darem conta dos obstáculos. Quando se lavavam, mugiam até injetar-se de sangue o rosto. Animavam-se apenas ao comer, quando viam cores brilhantes ou ouviam trovões. Riam, então, deixando de fora a língua e rios de baba, radiantes de frenesi bestial. Tinham, por outro lado, certa faculdade imitativa; mas não se pôde conseguir nada mais.

Com os gêmeos pareceu haver concluído a aterradora descendência. Porém, passados três anos, desejaram de novo ardentemente outro filho, confiando que o longo tempo transcorrido tivesse aplacado a fatalidade.

Não satisfaziam suas esperanças. E desse ardente desejo que se exasperava, por causa de sua infrutuosidade, se azedavam. Até esse momento cada qual havia tomado sobre si a parte que lhe correspondia na miséria de seus filhos, mas a desesperança da redenção ante às quatro bestas que haviam nascido deles deixou de fora essa imperiosa necessidade de culpar os outros, que é patrimônio específico dos corações inferiores.

Iniciaram-se com a mudança dos pronomes: *seus* filhos. E como além do insulto havia a perfídia, a atmosfera carregava-se.

– Me parece – disse-lhe em uma noite Mazzini, que acabava de entrar e lavava as mãos – que poderia ter limpado mais os meninos.

Berta continuou lendo como se não houvesse ouvido.

– É a primeira vez – respondeu alguns momentos depois que vejo você se inquietar pelo estado dos seus filhos.

Mazzini virou um pouco o rosto para ela com um sorriso forçado:

– De nossos filhos, acredito eu?

– Bom, de nossos filhos. Gosta mais assim? – ela levantou os olhos.

Desta vez Mazzini se expressou claramente:

– Acredito que não vai dizer que eu tenho a culpa, vai?

– Ah, não! – sorriu Berta, muito pálida – mas eu tampouco a tenho, suponho!... Não me faltava mais!... – murmurou.

– O que não faltava mais?

– Que se alguém tem a culpa, não sou eu, entenda bem! Isso é o que eu queria lhe dizer.

Seu marido a encarou por um momento, com desejo brutal de insultá-la.

– Como queira, mas se quer dizer...

– Berta!

– Como queira!

Esse foi o primeiro choque e se sucederam outros. Porém, nas inevitáveis reconciliações, suas almas se uniam com duplo arrebatamento e loucura por outro filho.

Nasceu assim uma menina. Viveram dois anos com angústia à flor da alma, esperando sempre outro desastre. Nada aconteceu, no entanto, e os pais colocaram nela toda sua complacência, que a pequena levava aos mais extremos limites do mimo e da malcriação.

Se ainda nos últimos tempos Berta cuidava sempre de seus

filhos, quando nasceu Bertinha esqueceu-se quase por completo dos outros. Sua simples recordação a horrorizava, como algo atroz que a tivessem obrigado a cometer. A Mazzini, ainda que em menor grau, passava-se o mesmo. Nem por isso a paz havia chegado em suas almas. A menor indisposição de sua filha liberava agora, com o terror de perdê-la, os rancores de sua descendência apodrecida. Haviam acumulado fel por tempo demais para que o copo não ficasse cheio, e ao menor contato o veneno vertesse para fora. Desde o primeiro desgosto envenenado haviam perdido o respeito, e se há algo a que o homem sente arrastado com cruel fricção é quando já se começou a humilhar por completo uma pessoa. Antes se continham ainda pela comum falta de êxito; agora que este havia chegado, cada qual, atribuindo-o para si mesmo, sentia maior a infâmia dos quatro monstros que o outro havia-lhe forçado a criar.

Com estes sentimentos, não havia já para os quatro filhos maiores afeto possível. A servente os vestia, dava-lhes de comer, colocava-os para dormir com visível brutalidade. Não os lavava quase nunca. Passavam quase todo o dia sentados em frente à cerca, abandonados de qualquer remota carícia.

Deste modo, Bertinha cumpriu quatro anos e, nessa noite, resultado das guloseimas que era impossível para os pais negar-lhe, a criatura teve algum calafrio e febre. E o temor de vê-la morrer ou ficar idiota tornou a reabrir a eterna chaga.

Fazia três horas que não falavam, e o motivo foi, como quase sempre, os fortes passos de Mazzini.

– Meu Deus! Não pode caminhar mais devagar? Quantas vezes?...

– Bom, é que me esqueço. Acabou! Não o faço de propósito.

Ela sorriu, desdenhosa:

– Não, não acredito muito em você!

– Nem eu, jamais acreditei muito em você... tisicazinha!

– Que! O que disse?...

– Nada!

– Sim, ouvi algo! Olha: não sei o que disse, mas juro que prefiro qualquer coisa a ter um pai como o que você teve!

Mazzini ficou pálido.

– Até que enfim! – murmurou com os dentes apertados. – Até que enfim, víbora, disse o que queria!

– Sim, víbora, sim! Mas eu tive pais sãos, ouviu? Sãos! Meu pai não morreu de delírio! Eu teria tido filhos como os de todo o mundo! Esses são seus filhos, os quatro seus!

Mazzini explodiu por sua vez:

– Víbora tísica! Isso é o que eu disse a você, o que quero dizer! Pergunta, pergunta para o médico quem tem a maior culpa da meningite dos seus filhos: meu pai ou seu pulmão podre, víbora!

Continuaram cada vez com maior violência, até que um gemido de Bertinha selou instantaneamente suas bocas. A uma da manhã, a ligeira indigestão havia desaparecido, e como acontece fatalmente com todos os casais jovens que se amaram intensamente, uma vez seque, a reconciliação chegou, tanto mais efusiva quanto dolorosas foram as ofensas.

Amanheceu um esplêndido dia, e enquanto Berta se levantava, cuspiu sangue. As emoções e a noite passada ruim tinham, sem dúvida, sua grande culpa. Mazzini a reteve abra-

çada por um longo momento, e ela chorou desesperadamente, porém sem que nenhum se atrevesse a dizer uma palavra.

Às dez, decidiram sair, depois de almoçar. Como mal tinham tempo, ordenaram à servente que matasse uma galinha.

O dia radiante havia arrancado os idiotas de seu banco. De modo que enquanto a servente degolava na cozinha o animal, sangrando-a com parcimônia (Berta havia aprendido com sua mãe esse bom método de conservar o frescor da carne), acreditou sentir algo como respiração atrás dela. Virou-se, e viu os quatro idiotas com os ombros juntos um do outro, olhando estupefatos a operação. Vermelho... Vermelho...

– Senhora! Os meninos estão aqui, na cozinha.

Berta chegou; não queria que jamais pisassem ali. E nem nessas horas de pleno perdão, esquecimento e felicidade reconquistada, podia evitar-se essa horrível visão! Porque, naturalmente, quanto mais intensos eram os êxtases de amor a seu marido e filha, mais irritável era seu humor com os monstros.

– Que saiam, Maria! Coloque-os para fora! Coloque-os para fora, eu digo!

As quatro pobres bestas, sacudidas, brutalmente empurradas, voltaram para o seu banco.

Depois de almoçar, saíram todos. A servente foi a Buenos Aires, e o casal foi passear pelas quintas. Ao baixar o sol voltaram, mas Berta quis cumprimentar por um momento suas vizinhas da frente. Sua filha escapou-se em seguida para a casa.

Enquanto isso, os idiotas não se haviam movido o dia inteiro de seu banco. O sol já havia atravessado a cerca, já co-

meçava a cair e eles continuavam olhando os ladrilhos, mais inertes do que nunca.

Imediatamente, algo se interpôs entre seu olhar e a cerca. Sua irmã, cansada de cinco horas paternais, queria observar por conta própria. Detida ao pé da cerca, olhava pensativa a cumeeira. Queria subir, isso não oferecia dúvida. Por fim decidiu-se por uma cadeira sem fundos, porém faltava mais. Recorreu então a um caixote de querosene, e seu instinto topográfico fez-lhe colocar na vertical o móvel, com o qual triunfou.

Os quatro idiotas, o olhar indiferente, viram como sua irmã conseguia pacientemente dominar o equilíbrio, e como nas pontas do pé apoiava a garganta sobre a cumeeira da cerca entre suas mãos eretas. Viram-na olhar para todos os lados e buscar apoio com o pé para erguer-se mais.

Porém, o olhar dos idiotas havia se animado; uma mesma luz insistente estava fixa em suas pupilas. Não tiravam os olhos de sua irmã, enquanto uma crescente sensação de gula bestial ia mudando cada linha de seus rostos. Lentamente avançaram até a cerca. A pequena, que tendo conseguido calçar o pé, ia já montar a galopadas e cair do outro lado, seguramente sentiu-se apanhada pela perna. Debaixo dela, os oito olhos cravados nos seus lhe deram medo.

– Me solta! Me larga! – gritou sacudindo a perna. Porém, foi arrastada.

– Mamãe, ai! Ma... – Não pôde mais gritar. Um deles apertou o pescoço, apartando os cachos como se fosse plumas, e os outros a arrastaram por uma perna só até a cozinha, onde nessa manhã havia-se sangrado a galinha, bem submissa, arrancando-lhe a vida segundo por segundo. Mazzini, na casa da

frente, pensou houver a voz de sua filha.

– Parece-me que lhe chama – disse a Berta.

Ouviram atentamente, inquietos, mas não ouviram mais. Contudo, um momento depois se despediram, e enquanto Berta ia guardar seu chapéu, Mazzini avançou no quintal:

– Bertinha!

Ninguém respondeu.

– Bertinha – elevou mais a voz, já alterada.

E o silêncio foi tão fúnebre para seu coração sempre aterrorizado, que as costas se gelaram de horrível pressentimento.

– Minha filha, minha filha! – correu, já desesperado, até os fundos. Porém, ao passar pela frente da cozinha viu no piso um mar de sangue. Empurrou violentamente a porta encostada e lançou um grito de horror.

Berta, que já havia se lançado correndo por sua vez ao ouvir o angustiado chamado do pai, ouviu o grito e respondeu com outro. Porém, ao precipitar-se na cozinha, Mazzini, lívido como a morte, se interpôs, contendo-a:

– Não entre! Não entre!

Berta conseguiu ver o piso inundado de sangue. Só pôde deixar seus braços sobre a cabeça e mergulhou ao lado dela com um rouco suspiro.